

RES — N°  
1

2014

—

FAUP

DO

MUS

**RESDOMUS**

**REVISTA  
DE CULTURA  
ARQUITECTÓNICA**

---

**NÚMERO 1  
OUTONO 2014**

---

**U. PORTO**



FACULDADE DE ARQUITECTURA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

FAUP  
publicações

## Sumário

|     |                                                                                                                                                                          |
|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| i   | <b>Nota de abertura</b><br>Carlos Guimarães                                                                                                                              |
| iii | <b>Editorial</b><br>Marco Ginoulhiac                                                                                                                                     |
| 1   | <b>Das casas octogonais de Orson Fowler à «Casa de amanhã»</b><br>Eliseu Manuel Vieira Gonçalves                                                                         |
| 11  | <b>Da arte popular às culturas populares híbridas</b><br>João Leal                                                                                                       |
| 17  | <b>Ciência, política e habitação social. Alguns contributos da sociologia francesa para uma redefinição da sua relação</b><br>João Queirós                               |
| 35  | <b>Casa Protótipo: afirmação de um caminho experimental em arquitectura</b><br>Maria Tavares                                                                             |
| 47  | <b>Portugal Pequenino</b><br>Cristina Emília Silva                                                                                                                       |
| 59  | <b>Revistas Portuguesas de Arquitectura: Evolução nos últimos dois decénios (1988-2008) e revisão dos seus antecedentes</b><br>Ângela R. Lei Oliveira e Gonçalo Furtado  |
| 73  | <b>Leituras da produção [moderna] da casa: As HE nos anos 50 e 60 em Portugal</b><br>Maria Tavares                                                                       |
| 85  | <b>Marcel Breuer <i>versus</i> Álvaro Siza. Considerações a propósito de dois processos de reformulação conceptual do <i>modo de habitar</i></b><br>Raquel Geada Paulino |
| 97  | <b>A viagem na Arquitectura Portuguesa do século XX</b><br>José Fernando Gonçalves                                                                                       |
| 113 | <b>Entre a Casa e a Cidade, “résidentialisation”: espaços intermédios na habitação social francesa</b><br>Álvaro Fernandes Andrade                                       |

# Portugal Pequeninino<sup>1</sup>

Cristina Emília Silva

*Palavras-chave: Portugal, nacionalismos, Estado Novo, tipicamente português, modernismo, regionalismo, séculos XIX/XX, tradição, património, estilos, cultura, universal/local, identidade*

## Resumo

A obra do Portugal dos Pequenitos, em Coimbra (1937/1961), promovida por Bissaya Barreto e desenhada pelo arquitecto Cassiano Branco, tem sido habitualmente conotada com o Regime. Neste artigo, através da análise do contexto alargado da sua produção arquitectónica, demonstramos que esta obra é antes o resultado da problemática da construção da nação, que tem inícios no século XIX, a par do que se passava na Europa, a qual atravessa a Ditadura de Salazar.



1.  
Imagem do Portugal  
dos Pequenitos

## 1. Portugal dos Pequenitos: interpretações

Ao nosso imaginário o Portugal dos Pequenitos traz-nos memórias afectivas da nossa infância. Num tempo posterior, já adultos, aprendemos a relacioná-lo com o ditador português, Salazar, e provavelmente a descortinar relações de proselitismo político a incutir nas pessoas, para maior eficácia, desde tenra idade. Os factos estão aí a sustentar a nossa tese: uma obra realizada nos anos do apogeu do Estado Novo, entre 1938 e 1950, encomendada por um amigo de Salazar, Dr. Bissaya Barreto, desenhada pelo arquitecto Cassiano Branco que constrói pequenas réplicas das casinhas típicas das diferentes regiões do País, regiões essas que aprendemos a enumerar nos bancos da Escola Primária, e miniaturas de monumentos de aquém e além-mar, símbolos da grandiosidade do nosso povo, tão apregoada pelo Regime. Não pode ser mais *Estado Novo*, não pode ser mais *tipicamente português*. [Fig. 1] [Fig. 2]

Mas o que significa ser *Estado Novo*? Comummente entende-se por realizações do *Estado Novo* as obras, neste caso de arquitectura, que resultam de políticas emanadas directamente das estruturas do poder que governou Portugal entre 1933 e 1974, conhecido pela expressão *Estado Novo*.

E logo neste ponto as opiniões dividem-se. Há autores, como Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes<sup>2</sup>, que defendem que o Estado Novo foi ao longo de toda a sua duração bastante directivo nas suas políticas artísticas e cerceador da actividade daqueles que lhe eram contrários. Há outros autores, como, por exemplo, o arquitecto Nuno Portas<sup>3</sup>, secundado posteriormente pela arquitecta Ana Tostões<sup>4</sup>, que entendem terem existido duas fases na sua política relativamente à



2.  
Oliveira Salazar com  
Bissaya Barreto, Coimbra,  
1934



3.  
Quadro o Fado,  
por José Malhoa

arquitectura. Uma primeira, correspondente aos primeiros anos de exercício de poder, em que, numa feliz convergência de intenções com os arquitectos, se construíram obras que reflectiam no nosso País, praticamente em simultâneo, o movimento arquitectónico internacional de vanguarda. E uma segunda fase, marcada pela Exposição do Mundo Português em 1940, em que o Governo através da burocracia dos seus Ministérios fazia prevalecer uma arquitectura de cariz monumentalizante, celebrativa da sua ideologia, e a uma escala mais pequena poder-se-á dizer *de valorização do que é ser português*. O Portugal dos Pequenitos poderia então encaixar-se neste segundo período. Outros autores ainda, como Pedro Vieira de Almeida<sup>5</sup>, consideram não ter havido da parte do Poder, habilidade, conhecimento e clareza suficientes para ter imposto uma arquitectura dita de Regime, sendo as suas obras resultados frouxos do zelo de funcionários de pequenos poderes de repartição ou encenações enfraquecidas pela ausência do sentido ritual político, aliás inexistente, e por contraste, por exemplo, ao que se passava na Alemanha<sup>6</sup>. A ser assim, afinal qual foi o enquadramento que esteve na base da construção do Portugal dos Pequenitos?

A outra expressão que utilizámos para caracterizar esta obra foi *ser tipicamente português*, mas o que é que ela significa? Para entender a profundidade do seu sentido temos que recuar aos finais do século XIX e ao contexto geral da sociedade daquela época.

O historiador Rui Ramos<sup>7</sup> afirma que a *invenção de Portugal* ocorreu no período compreendido entre os anos 1880 a 1930, como demonstra a data dos símbolos que nos habituámos a conotar com o País: “a bandeira, o hino, o dia de Portugal (festejado pela primeira vez como tal em 1925, (...)), a forma republicana do Estado, a glorificação de Camões (no centenário de 1880), o interesse pelos Descobrimentos (...), os painéis do Infante”<sup>8</sup>. Inclui também neste período a invenção da noção de *património*, como demonstra a classificação dos monumentos que todos conhecemos, como o Templo de Évora, o Mosteiro dos Jerónimos, o Convento de Cristo, a Torre dos Clérigos, entre outros, ter acontecido entre 1907-1910. A título ilustrativo mas bastante significativa, refere também que é nesta época “que as pessoas educadas se habituaram a ver nos bairros populares de Lisboa, em vez de antros sujos destinados à demolição, um emblema do que era ‘típico’, ‘documental’ em Lisboa”<sup>9</sup>. Ou, que foi em 1909 que José Malhoa pintou o quadro o *Fado*, como resposta à sua inquietação sobre quem terá sido a primeira pessoa a cantar essa forma musical, animado pela sua esposa, e servindo-se de um fadista verdadeiro como modelo, para alcançar o realismo que os modelos profissionais não transmitiam.<sup>10</sup> [Fig. 3] Rui Ramos afirma que o propósito de *construção da nação* não é exclusivo daquela época, mas sim a ideia da articulação dos elementos inventariados como identificadores do País numa *cultura*.<sup>11</sup> Praticamente como um fenómeno de compensação pela perda de fé no Cristianismo, em busca de algo securizante para o povo e que simultaneamente organize a vontade colectiva como fórmula para o êxito da democracia, como pensavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano ou Teófilo Braga. “Em breve, os europeus seriam franceses, ingleses e alemães com a mesma intolerância e ferocidade que tinham sido protestantes e católicos três séculos antes.”<sup>12</sup> Assim, a cultura nesta época é um conceito enraizado na terra, de onde provêm os costumes,

as estórias e a história identitárias, por oposição à universalização que constitui uma ameaça por a afastar das suas origens. T.S. Eliot<sup>13</sup>, em *Notes Towards the Definition of Culture*, citado por Rui Ramos no texto que temos vindo a referir, descreve a cultura como a encarnação da religião de um povo. Os filósofos alemães tidos como os “*mais profundos da Europa*”<sup>14</sup> aconselhavam a que as pessoas criassem raízes numa terra.

A procura do que é *ser português*, não é provinciano ou ingénuo, é pelo contrário manifestação de cosmopolitismo, acompanhando o que se fazia ao mesmo tempo em Inglaterra, na Alemanha e na França.

Podemos então resumir a nossa questão: o Portugal dos Pequenitos em Coimbra é uma realização do Estado Novo, ou é antes o resultado das questões culturais levantadas pelo processo de construção da Nação dos finais do século XIX, vulgarmente *tipicamente português*?



4.

Bissaya Barreto em férias em Castanheira de Pêra, 1902



5.

Cassiano Branco



6.

Plano de urbanização da Costa da Caparica

## 2. O encontro entre as personagens

Fernando Bissaya Barreto nasceu em 1886, em Castanheira de Pêra (entre Coimbra e Tomar), filho do farmacêutico Albino Inácio Rosa e de Joaquina Conceição Barreto, o segundo de quatro irmãos. Foi aluno brilhante em Coimbra onde estudou primeiro Filosofia Natural, em seguida Medicina, e ainda um curso do Magistério Secundário, na Faculdade de Letras em Coimbra. Desenvolveu a sua tese de doutoramento que lhe abriu as portas como professor da Faculdade de Medicina e director de técnica operatória nos Hospitais da Universidade de Coimbra. Celibatário, envolveu-se na política, chegando a assumir o cargo de deputado da Assembleia Constituinte em 1911, o qual abandonou para dedicar mais tempo à sua vida profissional e empresarial, destacando-se na sua vasta obra social, o que desenvolveu até ao ano da sua morte em 1974. [Fig. 4]

Cassiano Viriato Branco nasceu em 1897 em Lisboa, filho de Cassiano José Branco e de Maria Assumpção, comerciantes. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa, a qual abandonou para ingressar no Ensino Técnico-Industrial. Casou em 1917 com Maria Elisa com quem teve uma filha. Enquanto estudava, trabalhava num banco e colaborava com o pai nos negócios. Concluiu o curso de arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1932. Viajou bastante por locais como Paris, Bruxelas, Amesterdão, Espanha, Inglaterra. Como arquitecto tem uma vasta obra construída, marcante, mesmo quando os projectos não chegavam a ser construídos, como é o caso do Projecto da Cidade do Filme Português, em Cascais, ou o Plano de Urbanização da Costa da Caparica. Foi autor de alguns dos edifícios modernistas mais destacados da capital como o edifício do Éden ou o Hotel da Victória, entre outros. [Fig. 5] [Fig. 6]

O encontro entre estas duas personagens parece de todo improvável revestindo-se de algum mistério que permanece por resolver ainda hoje.

Como referimos acima, Bissaya Barreto era amigo de Salazar com quem almoçava semanalmente, unidos pela gratidão que Salazar nutria por Bissaya Barreto por este ter salvado a vida de sua mãe. E apesar de tudo esta amizade era também ela um pouco improvável dado o passado maçónico, fundador da loja a “Revolta”, membro da carbonária e conspirador anti-monarquia de Bissaya.<sup>15</sup> No entanto é

“Com o fortíssimo apoio das estruturas políticas e governamentais do Estado Novo e de Salazar em particular, (que) Bissaya-Barreto reuniu um conjunto de recursos inigualáveis na época”, ajudando a construir a sua vasta obra social.<sup>16</sup>

Como pode ler-se noutra passagem da fotobiografia editada postumamente pela Fundação com o seu nome: “Também é verdade que muitas vezes bastava ir a Lisboa falar com os homens certos, que detinham o poder de decisão, para naquele instante se desbloquear o que parecia inamovível”<sup>17</sup>.

Cassiano Branco, em 1957, integra o secretariado de apoio à candidatura do general Humberto Delgado, vindo a ser preso em 1958, como chefe de propaganda da campanha do general<sup>18</sup>, episódios que são reveladores das tendências políticas do arquitecto.

No entanto, e apesar da constelação de factos e circunstâncias o parecer impedir, estes dois homens cruzaram-se. Onde, como e porquê se encontrariam eles em 1937? Talvez por razões de proximidade geográfica, pois Cassiano estava ligado a Coimbra por laços familiares<sup>19</sup>, tinha casa de férias na Curia<sup>20</sup>, e em 1938 desenvolvia planos para o Hotel do Luso<sup>21</sup>? Ou terá sido Bissaya, um homem de alargados conhecimentos, e que nas suas muitas idas à capital se terá apercebido da disponibilidade de Cassiano por não estar tão envolvido como muitos outros arquitectos, na preparação da Exposição do Mundo Português?<sup>22</sup> Ou tê-los-á unido as suas ligações à maçonaria (Bissaya Barreto já não era membro, enquanto Cassiano Branco ainda fazia parte daquela organização)? Ou ainda outra hipótese levantada por Bandeirinha em *Quinas Vivas*, que relaciona estas duas personalidades com uma terceira, a de Henrique Galvão, segundo o autor, amigo pessoal de Cassiano Branco e tradutor para Português da biografia de Bissaya Barreto escrita pelo belga Pierre Goemaere<sup>23</sup>?

Qualquer que tenha sido a via de aproximação, o facto é que Bissaya Barreto encomendou o projecto do Portugal dos Pequenitos em 1937 ao arquitecto Cassiano Branco. Este projecto prolongou-se no tempo e compreendeu três fases de construção<sup>24</sup>:

- 1ª fase, decorreu entre 1938 e 1940, com a edificação do conjunto das casas regionais portuguesas e do núcleo monumental de Coimbra,
- 2ª fase, entre 1941 e 1949, corresponde à construção dos principais monumentos do País,
- 3ª fase, decorreu na década de 1950, a construção das Ilhas Açores e Madeira, e Ultramarina (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, Macau, Timor e Brasil), o *Império Português para os Pequenitos*.

Cassiano Branco dá por terminado o Portugal dos Pequenitos em 1961.<sup>25</sup> [Fig. 7].



7.  
Esquema de implantação do  
Portugal dos Pequenitos

### 3. As fundações da obra

Ressalta imediatamente uma coincidência temporal entre a encomenda do Portugal dos Pequenitos e a Exposição do Mundo Português. O arquitecto José António Bandeirinha<sup>26</sup> dedicou um capítulo do livro *Quinas Vivas* à obra do Portugal dos Pequenitos, que intitulou: “Os Centenários em Lisboa e os Pequenitos em Coimbra”. Neste texto Bandeirinha coloca em comparação a Exposição Comemorativa dos Centenários e a realização do Portugal dos Pequenitos,

atribuindo uma grande importância ao factor político na decisão da realização de ambas as obras. O arquitecto José António Bandeirinha afirma que o Portugal dos Pequenitos constituiu para Bissaya Barreto uma oportunidade, para mais uma vez afirmar a necessidade de Coimbra se estabelecer como pólo regional intermédio no panorama da bipolarização urbana do País. Assim, segundo aquele autor, o Portugal dos Pequenitos foi uma reacção à exposição que se preparava em Lisboa, como forma de superar o papel secundário das províncias nas comemorações dos Centenários, nomeadamente a exposição de ourivesaria proposta para Coimbra. Se atendermos rigorosamente às datas, o comunicado no qual Salazar lança as bases programáticas da Exposição dos Centenários é de 1938 e o projecto do Portugal dos Pequenitos terá sido encomendado em 1937. Mas estes números também pouco significado têm, se tivermos em conta a estreita relação que unia os dois homens, Bissaya e Salazar, não sendo difícil de imaginar que estivessem a par dos projectos ou ideias de cada um. No entanto, aquela não seria uma justificação suficiente para um projecto com este fôlego.

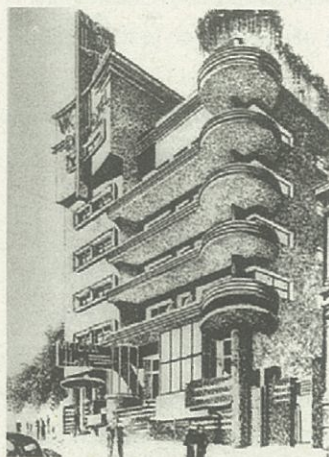
Para compreender cabalmente esta iniciativa, temos que atender à concepção que Bissaya Barreto tem da Medicina, bem como à sua concepção filosófica e antropológica do homem<sup>27</sup>.

No seu entender, a Medicina<sup>28</sup> deveria ter um pendor social muito forte, constituindo a base política de toda a organização sanitária do País, incluindo a vertente preventiva, educando e tratando simultaneamente os pacientes. Esta perspectiva está actualizada com o que se está a passar internacionalmente, nomeadamente a profissionalização do serviço social que teve início nos Estados Unidos e em Inglaterra, no final do século XIX e início do século XX, sendo a educação materno-infantil uma das mais importantes vertentes. Em 1935, Bissaya e o bispo de Coimbra chamam a Portugal a Congregação Francesa, Isabel France, para assumir a direcção da Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança. Os membros desta Congregação são possuidoras de formação universitária específica<sup>29</sup>.

A concepção filosófica e antropológica do homem<sup>30</sup>, que Bissaya Barreto seguia, baseava-se nas teorias de Rousseau do homem em *estado de natureza*, por oposição às *do homem lobo do homem* de Thomas Hobbes. No que diz respeito à educação das crianças, seria desejável que elas apreendessem através das *lições das coisas* (Rousseau e Pestalozzi), sempre que possível sob a forma de visita de estudo, fora do edifício escolar, à qual se junta a visão lúdica do ensino preconizada por Froebel (desenvolvida mais tarde por Piaget). Froebel é o autor dos primeiros jardins infantis, na Alemanha, em 1840, os quais foram posteriormente copiados em Portugal. Bissaya era uma pessoa informada e viajada que estava a par das aplicações práticas das teorias educacionais. Maria Montessori fundou em 1907 duas *Casa dei bambini*, que parece ter constituído fonte de inspiração para Bissaya Barreto para as suas Casas da Criança. [Fig. 8] O Portugal dos Pequenitos deve ser entendido como um parque lúdico anexo e complementar ao projecto educativo que estava por trás das Casas de Criança, neste caso a da Rainha Santa Isabel, inaugurada a 12 de Julho de 1940. Como reflexo do que acabamos de afirmar, aquando da inauguração daquela Casa da Criança, estava construída a área das *Casas Regionais*, à qual se acedia pelo



8.  
Aldeia Pestalozzi para  
crianças em Trogen,  
na Suíça



9.  
Hotel Victória

mesmo acesso ao edifício. Disse Bissaya Barreto no seu discurso inaugural, “referindo-se à qualidade do trabalho de Cassiano Branco, que aquela era uma ‘miniatura de uma Cidade maravilhosa’. ‘Os nossos primeiros mestres de Filosofia são os nossos pés, as nossas mãos, os nossos olhos...’ dizia Rousseau; por isso quisemos pôr as nossas crianças em contacto com o Portugal inteiro, num Mundo de realidades onde tudo é verdadeiro; quisemos que elas aprendessem a conhecer e a amar a nossa Terra; quisemos pôr-lhes diante de motivos nossos, que eduquem a sua sensibilidade, apurem o seu gosto, fortifiquem a sua inteligência.”<sup>31</sup>.

Bissaya Barreto encomendou o projecto do Portugal dos Pequenitos a Cassiano Branco, contextualizado por todas as teorias actualizadíssimas acima referidas, definindo e informando desta forma o programa muito claramente.

A um primeiro olhar não seria de esperar que Cassiano Branco, um arquitecto com obras de largos gestos modernistas marcantes da sua época, aderisse a um projecto com estas características, cuja concretização passa por réplicas de casas regionais e de monumentos. Bandeirinha afirma que os “modelos para as várias casas são quase todos retirados do receituário de Raul Lino”<sup>32</sup>. [Fig. 9] O argumento de que Bissaya Barreto se tenha envolvido praticamente como autor não justifica por si só que Cassiano Branco não o tenha abandonado. Bem pelo contrário, só podemos concluir que Cassiano se dedicou totalmente a este projecto durante longos 23 anos, e sem qualquer ponta de ironia, como alguns autores chegam a afirmar. Se ambas as personagens não tivessem outras áreas de intersecção, no mínimo, as teorias pedagógicas eram compartilhadas, provavelmente dadas a conhecer pelo promotor.<sup>33</sup> Voltando às questões aparentemente contraditórias de carácter arquitectónico, temos que nos situar na época e não nos podemos esquecer que a formação de Cassiano Branco<sup>34</sup> foi realizada no tempo em que ecoavam os eclectismos dos finais do século XIX, e que o modernismo terá sido encarado como mais uma nova possibilidade de expressão formal, do que como uma nova maneira de pensar/fazer arquitectura, podendo os autores mover-se entre eles, conforme as necessidades ou os desejos. E se dúvidas resistissem devemos lembrar-nos que a “casa-própria, que, para qualquer arquitecto, é uma espécie de confissão de convicções e, neste caso (do Cassiano Branco), é constituída quase exclusivamente por um repertório de frases feitas do ‘português suave’”<sup>35</sup>. Assim Cassiano Branco continua a desenvolver o seu trabalho, completando com as áreas de Portugal Monumental, Insular, Países de Expressão Portuguesa, estendendo o parque para Norte, que passa a ter um acesso independente, fazendo-nos quase esquecer a sua original ligação à Casa da Criança.

Bissaya Barreto, nas questões que à arquitectura dizem respeito, é também ele o reflexo de uma época ambivalente. Conhecedor do que se passava no panorama arquitectónico internacional, em 1958, dizia que não lhe serviam “nem o purismo de Mies Van Der Rohe, nem o diletantismo de Corbusier, nem o organicismo de Wright, nem o estruturalismo”<sup>36</sup> e que a “construção moderna” era uma “superfície plana, chata, chatíssima, com grandes buracos, com uma ornamentação bidimensional, uniforme em toda a extensão, apresentando fachadas viradas para a rua, como as ‘marquises’ das casas antigas, viradas para o xagão!”<sup>37</sup> E acrescenta “Não se sabe por onde se entra e onde se deva sair...”

*Outrora, havia sempre um motivo central de decoração, que marcava a zona principal, e que dava categoria e beleza ao edifício. Hoje não há desenho, outrora chamado de figura, não há curvas... parece que os arquitectos foram apanhados nas curvas, pela nova técnica!*"<sup>38</sup> *"Contraditoriamente louva 'o uso do ferro, de cimento, de tijolo e de vidro' que torna as construções 'leves', quase 'transparentes'"*<sup>39</sup>. Acredita que o funcionalismo é capaz de produzir *"obras de actualidade, úteis e práticas, que fiquem atestando a presente época de ressurgimento e revitalização das artes"* sendo no entanto necessário *"resfriar os ímpetos abstractos e a abstracção dos arquitectos"*<sup>40</sup> *"Esperava que um determinado centro hospitalar em Coimbra pudesse, por motivos de racionalidade económica, vir a ter a imagem de 'um pavilhão, à inglesa, sóbrio, modesto, sem fachadas, mas funcionalmente bom'"*<sup>41</sup>. Bissaya Barreto acaba por entregar o Hospital Rovisco Pais e o Instituto Maternal de Coimbra ao arquitecto Carlos Ramos (dito especialista em arquitectura hospitalar).

Este é um período rico em complexidades e contradições, em que se torna muito claro que nem as pessoas nem as situações são a preto e branco. Por exemplo, Cassiano Branco é amigo de Cottinelli Telmo (conhecido como arquitecto do Regime), sendo convidado por este para participar na Exposição do Mundo Português, onde Cassiano realiza o conjunto de *Gládios* à lembrar os *fascios* de inspiração da Itália de Mussolini<sup>42</sup>. Por seu turno, Cottinelli Telmo vai juntar-se em 1948 ao Congresso dos arquitectos. Ou ainda o facto de Cassiano Branco ter sido publicado na revista *Panorama*, de propaganda oficial, ainda que com a sua obra do hotel do Luso, de feição mais tradicionalista, enquanto que de outros arquitectos em que o mesmo seria de esperar, como os Rebello de Andrade, publicam o *Alfeite*, de tendência modernista<sup>43</sup>. Já nos nossos dias, Bissaya Barreto vem a ser alvo de um discurso póstumo de homenagem por parte de Almeida Santos, com quem chegou a conviver, político declaradamente contra o Regime de Sala.

#### 4. Conclusão

Voltando à nossa questão: o Portugal dos Pequenitos em Coimbra é uma realização do Estado Novo ou é, antes, o resultado das questões culturais levantadas pelo processo de construção da Nação dos finais do século XIX, vulgo *tipicamente português*?

Estamos agora em condições de afirmar que a questão é imprecisa. Em nossa opinião não deve ser usada a conjunção *ou*, pois não faz sentido a disjunção entre as duas partes da questão. Digamos que os referidos processos culturais do século XIX se prolongaram ao longo do século XX, e mais do que isso, serviram os processos políticos e até mesmo culturais da primeira metade desse século, e do Estado Novo, que, à falta de ideias mais claras e propositivas, foi influenciado pelas que se lhe antecederam.

Vejamos, por exemplo, e no caso em análise, o discurso proferido por Bissaya Barreto em 1955, aquando da inauguração da Casa da Criança de Condeixa: *"As nações meus senhores impõem-se à custa do valor dos seus cidadãos e o valor dos cidadãos exige, independentemente da capacidade física, de carácter, de*



10.  
Capa do livro escrito por  
Raul Brandão e a sua  
esposa

dignidade, de compreensão, um forte espírito de solidariedade, tão necessário na vida moderna.” A problemática da construção da nação é aqui evidente. Como dizem alguns autores, Bissaya Barreto era um oligarca convencido e fiel ao ideário republicano do século XIX.

É de referir que em 1930, Raul Brandão e a esposa Maria Angelina escreveram o livro *Portugal Pequeno* de histórias para crianças, nas quais se descreviam as terras de Portugal e os costumes do Povo<sup>44</sup>, cujo título e conteúdo muito se aproximam do nosso *Portugal dos Pequenitos*. [Fig. 10]

Ambos, o livro e o parque em Coimbra, indiciam um princípio de viagem como forma de conhecer o País, atitude que já em 1890 era incentivada pela Companhia de Caminhos de Ferro ao oferecer “*viagens circulatorias em Portugal*”, propiciando a visita de ‘monumentos históricos de situação pitoresca, praias de banhos, estabelecimentos de águas minerais’<sup>45</sup>. A melhoria da rede de estradas e o complemento da rede de caminho-de-ferro permitia uma maior mobilidade, orientada por guias de viagem<sup>46</sup>, à semelhança do que se fazia na Europa, “*espécie de versão laica das vias-sacras, com uma longa tradição europeia*”<sup>47</sup>, colocando inclusivamente indicações nas estradas.

Esta procura do que era português remonta à segunda metade do século XIX, com as variadas recolhas etnográficas que foram sendo realizadas e documentadas, por autores tão conhecidos como Almeida Garrett, Teófilo Braga ou José Leite de Vasconcelos, entre outros, dando origem ao Museu Etnográfico, em Lisboa, inaugurado em 1893. Este foi um movimento não só apropriado por políticos e intelectuais, mas também por companhias comerciais, tirando partido da ascensão da classe média constituída por médicos, advogados e comerciantes, oferecendo-lhes a possibilidade de aquisição de prestígio e alguma tradição.<sup>48</sup>

Por tudo o que foi aqui dito e tendo em conta o texto do arquitecto Bandeirinha, parece-nos que a comparação entre o Portugal dos Pequenitos e a Exposição do Mundo Português não é tão heurística como são os contextos pessoais do promotor (a sua concepção do homem e da medicina), e do arquitecto (o tempo da sua formação académica e da prática profissional), e será mais proveitoso do que atentarmos nos contextos internacionais (final da II Guerra Mundial, Le Corbusier e Leonidov), contextualizar ambas as obras (Centenários e Pequenitos) na circunstância global nacional e fazê-lo recuar até ao século anterior.

O debate sobre a casa portuguesa chegou à revista *Construção Moderna* em 1902 com a instauração de um “*inquerito sobre a esthesia architectonica portuguesa*”<sup>49</sup> e que curiosamente coincide com a abertura da rubrica dedicada à “*Architectura Estrangeira*”<sup>50</sup>, revelando a contemporaneidade e conhecimento de todo o movimento internacional de então, demonstrando que obviamente para descobrirmos as nossas características temos que conhecer o outro. As investigações que foram realizadas nesta altura por etnólogos, arqueólogos e geógrafos não iam muito além da catalogação, e a discussão que era feita não se afastava muito da questão dos *estilos*, que tinha dominado o final do século XIX. A busca da identidade da arquitectura portuguesa produziria um *estilo* a ser seguido por todos, se quiséssemos ser autónomos cultural e artisticamente, mas seria sempre um *estilo* mais.

Em 1903, D. José Pessanha voltaria a insistir na premência em superar as “‘divagações litterarias, (as) syntheses audaciosas, (as) afirmações dogmaticas’, através de um ‘estudo metódico’ que, em seu entender, deveria ser formulado pela recém fundada SAP”<sup>51</sup>. Quando este estudo foi levado a cabo entre 1955 e 1960, pelo Sindicato Nacional dos Architectos, financiado pelo Ministério das Obras Públicas, vem contrariar as intenções originais dos membros do Poder. O *Inquérito À Architectura Regional Portuguesa* vem revelar definitivamente a inexistência de um estilo nacional ou mesmo de estilos regionais, inferindo e induzindo como característica da arquitectura portuguesa uma maneira de pensar, e essa, sim, vem a dar origem a uma arquitectura com características identitárias em Portugal.

#### Origem das imagens

1. Centro de Documentação Fotográfico do Arquivo da Fundação Bissaya Barreto
2. Centro de Documentação Fotográfico da Fundação Bissaya Barreto
3. Museu da Cidade de Lisboa, <http://www.museudacidade.pt/Coleccoes/Pintura/Paginas/O-Fado.aspx> [Junho, 2014]
4. Centro de Documentação Fotográfico da Fundação Bissaya Barreto
5. Arquivo Municipal de Lisboa
6. Desenho do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, em MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 95
7. Centro de Documentação Fotográfico da Fundação Bissaya Barreto
8. SOUSA, Jorge Pais de, *Bissaya Barreto Ordem e Progresso*, Coimbra, Minerva, 1999, p. 181
9. Desenho do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa, em MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 51
10. Capa do livro: BRANDÃO, Raul, ANGELINA, Maria, *Portugal Pequenino*, Lisboa, A Bela e o Monstro Edições, 2013

#### A referência bibliográfica para este artigo

Silva, Cristina Emília R. e, “Portugal Pequenino”. *Resdomus*. Porto: FAUPpublicações. Nº 1, Artigo nº 5 (2014), p. 47–58.

#### Notas

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina “Cultura e Habitar”, integrada no Programa de Doutoramento em Arquitectura, FAUP, 2008/2009.

<sup>2</sup> FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio; “A Arquitectura em Portugal”, in *Arquitectura*, 142, 1981.

- <sup>3</sup> PORTAS, Nuno, "A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação", in ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, [S.l.], Arcádia, 1973.
- <sup>4</sup> TOSTÕES, Ana, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP Publicações, 1997.
- <sup>5</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, *A Arquitectura no Estado Novo, uma leitura crítica, Os Concursos de Sagres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.
- <sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 38-39.
- <sup>7</sup> Rui Ramos (1962) é licenciado em História pela Universidade Nova de Lisboa, e doutorado em Ciência Política pela Universidade de Oxford, sendo actualmente investigador principal do quadro do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Especializou-se na História de Portugal nos séculos XIX e XX, mais precisamente nos seus aspectos políticos e culturais. O autor coordenou recentemente uma obra incontornável: *História de Portugal*, Rui Ramos, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Nuno Gonçalo Monteiro (coord. Rui Ramos), Lisboa, Esfera dos Livros, 2009.
- <sup>8</sup> RAMOS, Rui, "A segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 565. São basilares para o entendimento de Rui Ramos sobre a fundação e formação de Portugal o livro *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, do geógrafo Orlando Ribeiro, de 1946, e o livro *Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal*, do historiador José Mattoso, de 1985.
- <sup>9</sup> RAMOS, Rui, "A segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 565.
- <sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 574.
- <sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 565.
- <sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p. 566.
- <sup>13</sup> ELIOT, T. S., *Notes Towards the Definition of Culture*, (1948) Londres, Faber and Faber, 1988, p. 33; citado por RAMOS, Rui, "A segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 567.
- <sup>14</sup> RAMOS, Rui, "A segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 566-567.
- <sup>15</sup> Prefácio de Almeida Santos, in FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO, *Bissaya-Barreto, Um Homem de Causas, Fotobiografia*, 2008, Coimbra, Editor Fundação Bissaya Barreto, p. 8.
- <sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 68.
- <sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 111.
- <sup>18</sup> Em 1957 Bissaya encomenda a Cassiano Branco um edifício para a Figueira da Foz. MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 39-40.
- <sup>19</sup> Raul Hestnes Ferreira, "Cassiano Branco", in MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 186.
- <sup>20</sup> Fernando Gomes da Silva, "O poder da imagem e a imagem do poder", in MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p.210.
- <sup>21</sup> MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 31.
- <sup>22</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira, *Quinas Vivas*, 2ª edição, Porto, FAUP publicações, 1996, p. 46.
- <sup>23</sup> *Idem, ibidem*.  
Houve uma primeira edição editada pela Bertrand em 1942, intitulada Bissaya Barreto, em língua francesa. Em 1952, realizou-se uma segunda edição, pela Casa das Beiras, com o mesmo título e traduzida para português por Henrique Galvão.  
Henrique Galvão (1895/1970) é o famoso autor do assalto ao paquete Santa Maria, em 1961, como forma de protesto contra o regime de Salazar.
- <sup>24</sup> FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO, *Bissaya-Barreto, Um Homem de Causas, Fotobiografia*, 2008, Coimbra, Editor Fundação Bissaya Barreto, p. 79.
- <sup>25</sup> MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 41.
- <sup>26</sup> José António Bandeirinha (1958), licenciado em Arquitectura, é doutorado pela Universidade de Coimbra, professor no Departamento de Arquitectura da Faculdade de

Ciências daquela Universidade, e um estudioso das questões arquitectónicas da cidade onde lecciona e vive.

<sup>27</sup> SOUSA, Jorge Pais de, *Bissaya Barreto: Ordem e Progresso*, Coimbra, Minerva, 1999, cap. II, "Modelos da obra social".

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>29</sup> Graças ao seu empenho e dinamismo, Constance Davon assumirá o cargo de directora da Escola Normal Social de Coimbra, sendo posteriormente compulsivamente afastada por razões políticas e pelas posições conservadoras da Igreja. SOUSA, Jorge Pais de, *Bissaya Barreto: Ordem e Progresso*, Coimbra, Minerva, 1999, cap. II, "Modelos da obra social".

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>31</sup> Citação em SOUSA, Jorge Pais de, *Bissaya Barreto: Ordem e Progresso*, Coimbra, Minerva, 1999, cap. II, "Modelos da obra social", p. 176.

<sup>32</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira, *Quinas Vivas*, 2ª edição, Porto, FAUP publicações, 1996, p. 54.

<sup>33</sup> "O Portugal dos Pequenitos não deve ser considerado um museu de miniaturas arquitectónicas de Portugal. Esse julgamento limitaria demasiado a inteligência e cultura dos que tal considerassem por não se terem apercebido da feição pedagógica desta obra, inspirada nos métodos preconizados e difundidos pelos maiores pedagogos, como Pestalozzi, Froebel, Montessori e outros, e executada com o objectivo de ensinar a criança recreando-a." Manuscrito de Cassiano Branco, reproduzido em fac-símile, em MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p.181.

<sup>34</sup> "Ao que consta, passou, alheado, pelos aspectos doutrinários da controvérsia 'modernismo-tradicionalismo'. Praticando simultaneamente, aquilo que entendia como 'estilos', ou seja, um conjunto fixado de regras de fazer ou de escolher formas, numa espécie de sequela do eclectismo da época em que se havia formado e sendo homem estudioso de matérias, alheadas inclusivamente da sua profissão, não se lhe conhece contudo, matérias de estudo sobre o assunto." "Será, talvez, mais justo encarar Cassiano Branco como uma personalidade complexa, de grande versatilidade, de mão extraordinariamente hábil, interessado em experimentar sempre e firmemente, desejoso de construir." "uma vasta obra quase incoerentemente repartida pelas duas atitudes" (...) "Disto tudo parece poder concluir-se que o período mais fecundo na produção de Cassiano Branco coincidiu com um tempo cultural ambíguo e difícil, não só em relação à noção de modernidade e sua tradução arquitectónica, como também ao ambiente geral que se viveu na Europa e no Mundo. (...) As crises foram constantes e a apreensão de um futuro melhor, mais brilhante, apoiado numa explicitação da técnica e até da política, característica das vanguardas dos anos 20, teve muitas dificuldades em afirmar-se." MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991.

<sup>35</sup> MAIA, Augusta Adrêgo (coord.), *Cassiano Branco, Uma Obra Para o Futuro*, Lisboa, Lisboa, Edições ASA / Câmara Municipal de Lisboa, 1991, p. 50.

<sup>36</sup> Bissaya Barreto citado em BANDEIRINHA, José António Oliveira, *Quinas Vivas*, 2ª edição, Porto, FAUP publicações, 1996, p. 33.

<sup>37</sup> Bissaya Barreto citado em *Idem, ibidem*, p. 34.

<sup>38</sup> Bissaya Barreto citado em *Idem, ibidem*.

<sup>39</sup> Bissaya Barreto citado em *Idem, ibidem*, p. 34-35.

<sup>40</sup> Bissaya Barreto citado em *Idem, ibidem*.

<sup>41</sup> Bissaya Barreto citado em *Idem, ibidem*.

<sup>42</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, *A Arquitectura no Estado Novo, uma leitura crítica*, Os Concursos de Sagres, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, p. 109.

<sup>43</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, *A Arquitectura no Estado Novo, uma leitura crítica*, Os Concursos de Sagres, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, p. 73.

<sup>44</sup> RAMOS, Rui, "A segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 585.

<sup>45</sup> RAMOS, Rui, "A segunda Fundação (1890-1926)", in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 583.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, como exemplos Mapa excursionista datado de 1907, Guia de Portugal, de 1924, p. 584-585.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*.

---

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p. 581.

<sup>49</sup> D. José Pessanha, "Fachadas de estylisação tradicionalista", in *Construção Moderna*, Ano IV, n.º 102, 20 Julho 1903, p. 139; citado por FIGUEIREDO, Rute, *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*, Lisboa, Colibri, 2007, p. 326.

<sup>50</sup> FIGUEIREDO, Rute, *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*, Lisboa, Colibri, 2007, p. 326-327.

<sup>51</sup> Sociedade dos Architectos Portugueses em 1902, in FIGUEIREDO, Rute, *Arquitectura e Discurso Crítico em Portugal (1893-1918)*, Lisboa, Colibri, 2007, p. 340.